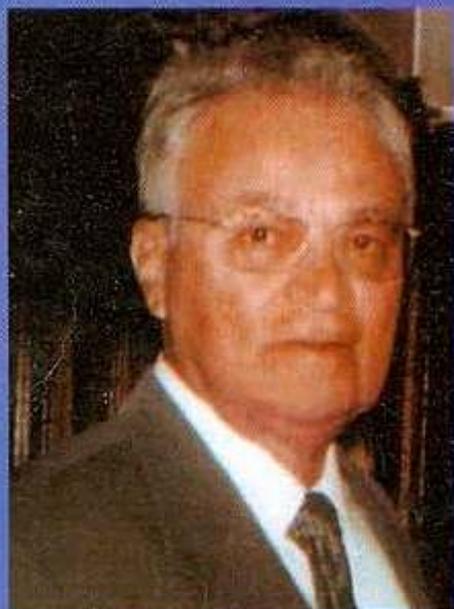


*Centenário
do
Padre Luiz Monte
Conferência de Jurandir Navarro*

Natal - 2005

“O padre Luiz Monte será doutor da Igreja. O primeiro santo doutor do Brasil.” (Monsenhor Assis Pereira).

Possuidor de uma dialética invencível, ao apontar os equívocos das heresias, do materialismo e da incredulidade, tornou-se ele um santo vibrante, aureolado da virtude heroica, expressando, ao mesmo tempo, a grandiosidade da verdade Cristã.



Nele, a sapiência se confundia com a santidade, interagindo-se, ambas, na grandeza ímpar de uma personalidade rara.

Falando à Mocidade, disse:

“ A inteligência precisa da Fé para escalar as grandes cumiadas, de onde terá uma visão panorâmica e completa da realidade da vida e do universo.

A supremacia do Espírito que defendemos inclui as faculdades da inteligência, as conquistas do intelecto humano, a ciência, a arte, a poesia; mas, vai mais além: abarca a metafísica, a teologia, liga a inteligência à Inteligência, o homem a Deus.

Seria falso o primado do Espírito que se contentasse com a cultura exclusivamente intelectual.

O intelectualismo é um erro de conseqüências funestas, desde que não erie homens integrais, mas homens de inteligência hipertrofiada, - macrocéfalos mentais, por serem grandes demais as suas cabeças, não olham nem para baixo nem para cima. Não tomam conhecimento das dores do mundo nem das promessas do Céu.

Este não será, estamos certos, o sentido da Cultura e da supremacia do Espírito que empolga a nossa juventude estudiosa.”

Conferência do Centenário do Padre Luiz Monte_____

**CONFERÊNCIA DO CENTENÁRIO
DO PADRE LUIZ MONTE,
PROFERIDA POR JURANDYR NAVARRO**

Conferência do Centenário do Padre Luiz Monte _____

JURANDYR NAVARRO

**CONFERÊNCIA DO CENTENÁRIO
DO PADRE LUIZ MONTE,
PROFERIDA POR JURANDYR NAVARRO**

Natal - 2005

NORDESTE
gráfica e editora

2005 Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução sem prévia autorização do autor

Digitação

José Maria Fernandes de Lima

Capa

Flávio Freitas e Sousa Costa

Projeto Gráfico

José Maria Ferreira de Lima

Coordenação Gráfica

Antônio Mariano da Silva

Revisão

Jurandyr Navarro

Impressão

Nordeste Gráfica Ltda.

Este livro foi diagramado e impresso na oficina gráfica da **Nordeste Gráfica Ltda.**

Av. Floriano Peixoto, 529 - Petrópolis

Natal, RN - Brasil - CEP 59020-500

Tel.: (84) 3222-1461

SUMÁRIO

Conferência do Centenário do Padre Luiz Monte, Proferida por Jurandyr Navarro	09
O Religioso	14
O Educador	17
O Intelectual	20
Bibliografia	28
Conferências Quaresmais	29
Confissões de Homens	30
Centro Universitário	32
Escola de Cultura	33
Porque se Sente a Música	35
Maió	38
Semana dos Estudantes	40
Mórula, Blástula e Gástrula	43
A Origem do Mundo	44
Ilusão da Liberdade	46
Pitágoras e Santo Agostinho	49

**CONFERÊNCIA DO CENTENÁRIO
DO PADRE LUIZ MONTE,
PROFERIDA POR JURANDYR NAVARRO**

*Exmo. Sr. Dr. Enélio Petrovich
M.D. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico
Exmo. Revmo. Mons. Francisco de Assis Pereira
M.D. Representante do Arcebispo Metropolitano,
Dom Matias Patrício de Macedo
Exmo. Sr. Dr. David de Medeiros Leite
M.D. Representante da Senhora Governadora do Estado,
Professora Wilma Maria de Faria
Ilmo. Sr. Escritor Nilson Patriota,
M.D. Presidente do Conselho Estadual de Cultura
Dom Nivaldo Monte
Meu amigo Osvaldo Monte
Familiares do Padre Luiz Monte*

Senhoras, meus Senhores:

Esta sessão faz parte das homenagens prestadas ao padre LUIZ GONZAGA DO MONTE pelo seu Centenário de Nascimento. De alguma forma, se associa ao Ato, ontem realizado na Catedral, quando foi oficialmente declarada a Abertura do Processo de Beatificação do citado sacerdote. Ato, esse, presidido pelo Arcebispo Metropolitano Dom Matias

Patrício de Macedo e coadjuvado pelo Postulador da Causa, Monsenhor Francisco de Assis Pereira.

Associam-se à solenidade desta Casa da Memória, a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e o Conselho Estadual de Cultura.

Ao final desta Palestra, teremos o lançamento do livro da autora Helenita Monte, obra intitulada **Ad Lucem Versus**, consistindo, o seu conteúdo, uma nova biografia do Padre Luiz Monte.

Senhoras, meus Senhores:

Muito difícil falar sobre personalidade tão significativa, que é o homenageado desta noite, porque a sua pessoa transcende o comum dos mortais, sob o aspecto espiritual, intelectual e moral. Trata-se de personalidade das mais singulares da sociedade norte-rio-grandense.

Há pessoas santas, porém, sem serem sábias; outras, sábias e não santas. Somente um restrito número dos que detiveram ou detêm tais qualidades, dentre os doutores da Igreja. Entretanto, raríssimos os ornados com esses atributos, dominando um número dilatado de ciências!

Este Centenário comemorativo lembra o primeiro intelectual do Rio Grande do Norte aclamado Sábio.

Nesta breve Palestra darei mais ênfase à pessoa do homenageado do que a sua obra, por ser esta muito vasta e profunda, fato que exigirá um palestrante de maior capacidade intelectual.

Assim considerando, a vida do Padre Luiz Monte afigura-se-nos um livro de muitas páginas, cada uma delas contendo virtudes do seu coração, do seu entendimento e da sua alma. Este livro precioso encerra um tesouro moral de valor inestimável. Dele, destacaremos, apenas, três de suas páginas, reunindo,

na medida do possível, a atividade desse grande vulto da Igreja Católica, tão grande e tão esquecido pelos de sua geração.

Veremos, portanto, sob a nossa ótica, o religioso, o intelectual e o educador. Antes, porém, faremos sucinta Introdução.

Senhoras, meus Senhores:

Decorrido cerca de sessenta anos, a figura legendária do Padre Luiz Monte ainda continua presente na memória dos natalenses. Não morrem os homens que marcaram época. Vivos permanecem e se perpetuam pelos tempos afora, passando o legado da sua existência à história da sua terra. Formam eles a galeria luminosa dos vultos eminentes, pelo valor demonstrado na ação praticada e em atividades em que se celebrizaram. Fato que orgulha à sociedade que pertenceram, servindo de exemplo magnífico às gerações que passam, no torvelinho do tempo.

O Padre Monte foi um desses vultos ilustres. Na sua curta existência fez da Religião e da Intelectualidade as suas preocupações permanentes. Inicialmente, centralizou a sua atenção para a Messe do Senhor, dedicando-se, em seguida, e, simultaneamente, à cultura dos conhecimentos humanos. Em ambas atividades, por sinal, perfeitamente conciliáveis, granjeou admiração geral, pela retidão de atitudes, alcançando, na aclamação espontânea dos contemporâneos, os epítetos honrosos de sábio e de santo.

Natural de Vitória de Santo Antão, do agreste pernambucano, aos 03 de janeiro de 1905, chegando ao Rio Grande do Norte, aos nove anos da sua juvenildade curiosa.

Ingressou no Seminário, ordenando-se sacerdote aos vinte e dois anos de idade. Tornou-se logo conhecido dos professores, pela inteligência privilegiada de que era dotado. Adquirindo, em pouco tempo, vasta e prodigiosa erudição, não somente nas

disciplinas eclesiásticas e no ramo literário; mas, também, nas matemáticas e ciências afins e nas disciplinas científicas.

Latinista emérito antes de deixar o Seminário, consoante afirmou o seu professor Cônego Estevam José Dantas. Com o latim, aprendeu, também, as línguas consideradas mortas, o hebraico e o grego, e outros seis idiomas – o inglês, o alemão e as neolatinas.

O dom oratório foi testado no dia da festa da sua ordenação, cuja eloquência foi elogiada, publicamente, pelo Bispo, de então, Dom José Pereira Alves, um dos maiores tribunos sacros daquela época.

Ordenado padre, perseverou, diuturnamente, nos seus estudos, até o dia do seu falecimento, aos 28 de fevereiro de 1944.

Espelhou-se a sua vida, em três santos, imitando a pureza de São Luiz Gonzaga, o amor à mocidade, devotado por Dom Bosco e à sabedoria de Santo Tomás de Aquino.

Considerando a sua curta existência, pois alcançara somente a idade de 39 (trinta e nove) anos, a erudição de que era possuidor fez dele uma individualidade rara, na restrita galeria da comunidade intelectual universal, já que “dominara toda Ciência do seu tempo”, na judiciosa afirmação do seu biógrafo, Cônego Jorge O’Grady de Paiva, de saudosa memória.

Inobstante o seu valor intelectual, por todos proclamado, o Padre Luiz Monte exibia cativante simplicidade, portando-se modelo de sacerdote no seu ofício vocacional.

A marcante personalidade elevou-o a uma outra dimensão, a um plano de superior hierarquia qualitativa.

No conceito do pensador católico Alceu de Amoroso Lima, raras as pessoas que conquistam a grandeza da personalidade. Diz ele:

“A natureza racional é o princípio da dignidade da pessoa, não é ainda o seu complemento (...) A pessoa deve atender à personalidade. Se todo homem é de fato uma pessoa, nem todo homem digamos que é uma personalidade. Esse título mais sonoro e honroso reservemo-lo à quem desenvolveu, em grau elevado, as nobres prerrogativas que o distinguem dos indivíduos inferiores. A pessoa é **substratum** metafísico, a personalidade uma realização moral; a primeira um dom da natureza, a outra uma conquista do esforço; lá, um ponto de partida, aqui um ideal”

E conclui:

“...Não é do que achamos na natureza, é do que fizemos de nós mesmos que depende a grandeza da personalidade”.

Todos sabem, por ensinamento da Filosofia, que no mundo animal, apenas o homem é considerado um SER MORAL porque tem a convicção do dever a cumprir. Regente dos atos humanos, a lei moral impõe caráter de obrigação. Sendo um ser moral, a pessoa tem a prerrogativa de conhecer-se, possuir-se, governar-se. É dotado de inteligência e livre, sendo, de conseqüência, responsável pelos seus atos.

Todavia, a grandeza moral, a grandeza da personalidade, pertence ao ser moral superior. Logo, pode-se afirmar que a personalidade, unida á santidade e à sabedoria, por serem grandezas adquiridas pelo esforço e mérito, é privilégio de individualidades superiores.

O RELIGIOSO

Senhoras, meus Senhores:

Como religioso, o Padre Luiz Monte realizou-se moral e espiritualmente. Identificamos a sua vocação religiosa como o ponto alto da sua existência. O tesouro que ele dedicou o seu amor e a sua veneração foi, inquestionavelmente, a sua vocação sacerdotal. Por essa atividade mística, nutria, dentro do peito, a contrição e o fervor da alma.

Tudo por ele idealizado perseguia a perfeição. A começar pelos misteres da Igreja, que serviu com devoção e elevação espiritual. Dizia que celebrava todas as Missas igualmente como celebrara a primeira: com a alma e o coração de joelhos! A perfeição, a pedra angular do seu sacerdócio. O que fazia, toda sua preocupação era voltada para a perfeição: A retidão de caráter, primava. A honradez e a honestidade foram atitudes prevalentes da sua vida. E também, a ética. A perfeição em todos os atos.

Na linguagem escrita grafava, no texto, a palavra certa e exata, a idéia clara, a inspiração adequada, citando autores condizentes com a matéria e a ciência propostas.

Habitado estava à mente cartesiana, ao raciocínio matemático, ao rigor científico, ao dogma da verdade.

Tudo obedecendo à conclusão silogística da Perfeição!

É lendo a perfeição como paradigma de vida, ele recorda uma das cinco provas da existência do Criador, argüidas por Santo Thomaz de Aquino, já que essa perfeição descende de uma ordem originária, essa perfeição, em suma, é Deus .

Costumeira a sua prática no jejuar. Valorizava mais o alimento espiritual. Mortificando o corpo, preparava a ressurreição da alma.

No exercício da sua missão evangelizadora, fez-se polemista, para defender a causa sagrada da Igreja, contra as investidas insinuosas da impiedade, da incredulidade e do materialismo. A inteligência fulgurante e a cultura enciclopédica, aliadas a uma dialética invencível, corrigia erros e sofismas, expondo, com clareza, a verdadeira Verdade.

Tal o Anjo das Escolas, ele entendia não haver duas verdades opostas – a teológica e a filosófica. Sabia que a Fé não hostiliza a Razão, havendo, portanto, uma única e exclusiva Verdade.

O seu acendrado amor pela Verdade recebia a luz orientadora da Razão e da Revelação. Desta, proveniente do poder divino e daquela, por ele inspirado. Através da Razão o homem é dignificado, sendo divinizado pela Revelação. A educação dos grandes santos recebeu o influxo salutar da Revelação, enquanto os grandes pensadores foram instruídos pela Razão.

Ambas aperfeiçoaram a formação moral, intelectual e religiosa do Padre Luiz Monte.

Tinha particular devoção pela Virgem Maria. Pela imprensa católica dedicou belas páginas em seu louvor. Num sermão expôs magnífico estudo sobre Nossa Senhora e a Arte. Dela, disse: “No coração da Virgem encontraremos o pábulo que sacia, a água que mitiga, a graça que conforta, o amor que diviniza.” E: “Todo efeito deve ter uma causa proporcionada. Efeitos físicos, causas físicas; efeitos morais, causas morais; efeitos espirituais, causas também espirituais. Inda mais: efeitos finitos, causas finitas; efeitos infinitos requerem necessariamente uma causa infinita.

...Produzindo a Virgem um efeito de valor infinito – Cristo, é forçoso concluir: a dignidade de Maria é moralmente infinita”.

Incontáveis os títulos religiosos saídos da sua pena para a imprensa católica, publicados como notas da redação do jornal. O intuito era tornar acessível ao entendimento público o contido no calendário litúrgico e outras matérias doutrinárias.

Escreveu temas importantes na imprensa católica natalense. Dedicou especial atenção à Eucaristia. De memória podemos citar alguns deles: “Comunhão, Defesa do Corpo; Comunhão, Defesa da Alma; Comunhão, Defesa do Homem”. Outro intitulado “Eucaristia e Análise”, publicado na imprensa com o fecho lapidar: “A Onipotência que legislou para o átomo e para a estrela, é a Bondade que se fez Eucaristia”.

Numa conferência para professores, destacamos o período: “Ah! Caros colegas, a experiência de cada dia está a nos evidenciar que nem sempre a vida é um mar bonançoso. Quando a dor uiva à porta do coração como lobo faminto acuando a presa, quando a miséria golpeia sem piedade, quando a alma sangra pelos olhos em lágrimas sentidas, quando o desespero toma de assalto o último reduto, onde se refugiou a última esperança... De que nos valem os postulados da geometria, os princípios da física, as leis da ciência?” E finaliza: “Mais consola um ato de fé que toda a sabedoria da ciência humana”.

O título de Cônego foi-lhe atribuído pelo Cabido da Diocese do Maranhão, com Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, em Maio de 1941, pela virtude e qualificação de asceta e sábio. Jamais usou as suas insígnias, nem faixa vermelha, nem anel, permanecendo sempre como simples padre, de batina e meias pretas. E de padre foi sempre chamado, o genuíno título sacerdotal. Declarou em livro, o Cônego Jorge O’Grady, que a faixa vermelha ele presenteou a um colega de sacerdócio.

Podia ser aplicado a ele, o citado por Montaigne, em relação a Sócrates, “o modelo perfeito de todas as qualidades?”

A sua morte prematura foi uma espécie de imolação, por ter se descuidado da saúde física. Para ele, somente a alma valia. Teve uma existência cheia de afazeres e responsabilidades. Nessa vida, sem tempo para o necessário descanso, o frágil corpo cambaleou, imolado pela fé ardente, sacrificado na ara imaculada do dever. De um dever levado ao extremo, lutando pela salvação do próximo, seu irmão. Como na tragédia de Ésquilo, onde Prometeu exhibe o martírio de todos os salvadores.

Edgar Barbosa, nosso melhor estilista e que o conheceu de perto, afirmou: “O padre Monte morreu de cansaço, pois sua época e sua posição espiritual não lhe davam tréguas, nem ele se rendia um minuto sequer”.

O Padre Luiz Monte viveu enaltecendo a beleza espiritual, pois sua vida acrisolou-se na busca infinita do culto fiel e permanente da verdadeira Religião.

O EDUCADOR

Senhoras, meus Senhores:

O padre Luiz Monte foi um educador de gerações. Exerceu bem cedo o magistério, ministrando ensinamentos para a vida. Ocupou a cátedra em diversos educandários natalense. No velho Atheneu foi um dos seus poucos professores catedráticos, tendo defendido duas Teses, em Concurso, no ano de 1933, aos vinte e oito anos de idade.

Pelo demonstrado da sua bondade cativante, associada aos ensinamentos pedagógicos, pode-se concluir ter ele muito

amado a mocidade, já que ela representa uma idade difícil na travessia da existência humana. É nessa quadra da vida que o educador deve inocular, na alma jovem, o bálsamo consolador das aspirações elevadas e dos nobres ideais, formador do caráter ainda em flor, para os desconhecidos embates da fase adulta.

Idade jovem, idade das dúvidas, das vacilações, das inquietações, idade insegura e das incertezas. Mas, em contrapartida idade das esperanças, a mocidade é, no dizer do poeta, “a primavera da vida”, a sua aurora radiante, alegre e sonhadora. É ela a idade plasmadora do caráter, dos sentimentos, da afetividade. A estação mais importante da vida humana. Orgulho dos idosos, baluarte da pátria, idade do idealismo, sendo de capital importância, a sua presença, na formação da sociedade futura.

Lembra o discurso de Péricles, proferido após a guerra persa, quando ele viu que da sua Atenas querida, havia desaparecido a Mocidade, como que naquele ano tivesse faltado a Primavera!

Os franceses costumam dizer: “Ah! Se a mocidade **soubesse** e a velhice **pudesse**...!” Ou seja, se a juventude fosse **sábua** e o **vigor** fosse dado à velhice...

A expressão francesa encerra em si oportuna lição moral por ser sempre atual, qual seja, o dever de se cuidar dos jovens para, na medida do possível, prepará-los para o porvir.

Tal a sua importância, a da juventude, no cenário social, que um educador por excelência, como o Padre Luiz Monte não poderia descurá-la nem desprezá-la, tornando-a desamparada da sã instrução e da educação em moldes elevados. Assim, a mocidade foi uma das suas preocupações principais. Para ela acendeu, no altar da sua devoção, a chama sagrada da Moral, a fim de guiá-la no caminho retilíneo do dever, da justiça e da verdade.

Conhecido como moralista, imprimia, com o exemplo da sua pessoa, uma educação ética e religiosa no meio social.

Dizia: “Não se pode ensinar a Moral sem viver a Moral. A autoridade é condição de êxito na educação moral... Todo professor deve dentro dos limites humanos poder dizer como o divino Mestre: aprendei de Mim...”

Naquele tempo, ressoava a mensagem do Papa Pio XI – “a ninguém é dado ser medíocre”. Era o brado que chegava às portas do magistério...

Ensinava o Padre Monte que o jovem deveria aproveitar a força dos impulsos voltados para o mal, mudando a sua direção para o bem, através da vontade, dirigida pela luz da inteligência. E enfatizava a expressão: “Melhorar-se para melhorar; reformar-se para reformar, vencer-se para vencer”.

Por outro lado, o virtuoso sacerdote dirigia associações católicas, criadas na época, para a educação da mocidade. E sob a sua criteriosa orientação estavam a Liga Feminina, a Juventude Feminina Católica, a Juventude Operária Católica, A Cruzada Eucarística, a Pia União das Filhas da Imaculada, A ação Católica, e outras. Para elas, criou a Revista **Sursum**.

Foram movimentos que empolgaram gerações moças, ensejando-lhes ascensões espirituais e morais.

O Padre Monte não parava na sua ação educativa. Para dilatar a voz do púlpito e da cátedra, usou instrumentos outros de maior divulgação social, como o jornal diário, escrevendo na imprensa católica. Utilizava esse veículo de divulgação, da palavra e do pensamento, com ensinamentos da moral cristã, dos bons costumes, de civilidade, da sadia literatura, da religião, do civismo pátrio.

Para ele, não havia problemas sem soluções. Grandiosa, a sua sabedoria e infinita a sua fé.

Recebia pessoas psicologicamente angustiadas e as confortava pelo amor. O testemunho de uma delas: "Libertou-me da ruína e da desordem. Respeitando a delicadeza das almas, sabia transformar a anarquia ou o caos de uma inteligência e fazer ressurgir das suas desintegrações a ordem perdida".

Dizia ele numa conferência: "A base de toda cultura social é por isso a educação do que é mais superficial pelo que é mais profundo, do exterior pelo interior, do efêmero pelo eterno, do corpo pelo espírito, da massa pelo gênio".

Professor da disciplina Moral, sempre lembrava os seus benefícios na vida prática, e exortava: "A moral é fator de economia política; primeiro porque sendo eugênico torna o homem forte; capaz de trabalhar muito; segundo porque, fazendo-o virtuoso, torna-o capaz de trabalhar bem.

É, pois, dever mais patriótico, que mesmo religioso, promover a educação moral do povo...

Demais, o trabalho deve ser produtivo, isto é, precisa de **capital**, porque **trabalho** não é mais que **capital atualizado**. Mas, quem funda o **capital**? É a economia, a tenacidade, a previdência, a sobriedade, a temperança, a prudência..., que são, em última análise, virtudes morais".

O INTELCTUAL

Senhoras, meus Senhores:

O Padre Luiz Monte foi o primeiro intelectual do Rio Grande do Norte aclamado sábio. Como foi dito acima, pelo Cônego Jorge O'Grady, "ele dominou toda a ciência do seu tempo". Muitos intelectuais que o conheceram deram depoimento da sua

extraordinária cultura. Citarei, apenas, alguns: Nilo Pereira, estudioso da literatura: "Ninguém o igualou em pluralidade de saberes. Valia sozinho por uma Academia". No livro "Imagens do Tempo", Edgar Barbosa frisa: "Impossível recordar o Padre Monte sem ligar-se a evocação à cidade dos livros em que vivia, ao laboratório onde pesquisava, como nenhum outro entre nós, o Rio Grande do Norte. Em sua cotidiana viagem de colégio a colégio, comandava a sua farândola de gigantes, as suas fórmulas, os seus sistemas, o seu universo. Ouvimo-lo em diversas nuances da oratória e ao compasso daquelas mãos brancas e descarnadas cresciam as imagens como ondas de um lago revolto".

Aluízio Alves: "Padre Monte? Revejo-o, olhos faiscantes de curiosidade intelectual, debruçado sobre os livros, manobrando instrumentos científicos, absorvido nos mistérios da Natureza, mestre de ciências múltiplas, com a eterna e incurável preocupação de mais saber".

Assim se expressou Câmara Cascudo: "O Padre Luis Monte foi a cultura mais ampla que possuímos. Aprendeu sozinho a ser sábio. Era modesto por um feitio psicológico, defesa natural de quem sabe, diante das eloquências analfabéticas e dominadoras. Sua vida foi, como dizia Luís de Camões, 'um solitário andar por entre as gentes...' Foi uma inteligência ímpar, solitária na sua grandeza, vivendo atrás das nuvens espessas da indiferença ambiental, mas independendo dela para eternizar-se no infinito".

À estas citações, incluo um curto período do prefácio do doutor Henrique Tanner de Abreu, docente da Universidade do Brasil, no livro "Fundamentos Biológicos da Castidade": "... A extensa e seleta bibliografia e as citações mostram bem a louvável preocupação de senhorear o assunto, apropriando-se das noções mais importantes e de interesse para a matéria a desenvolver. Nela figuram tratados de anatomia, histologia,

fisiologia, endocrinologia, psiquiatria, psicopatologia sexual, etc., além de muitas contribuições especializadas”.

O seu livro de Biologia foi prefaciado pelo Professor Cândido de Melo Leitão, da Academia Brasileira de Ciências, em cujo texto, destacamos: “... Expõe todos os problemas de acordo com o estado natural dos nossos conhecimentos, cuja complexidade o autor sabiamente domina... Além da natureza da doutrina, o que há de mais louvável neste livro é a disposição dos capítulos nos quais os assuntos de modo se encadeiam que a sua seqüência nos aparece quase como um imperativo...”

Outros intelectuais depuseram logo após o seu falecimento prematuro, elogiando a sua vasta erudição nas ciências positivas – matemáticas e naturais, assim como nas ciências sociais, na ciência infusa, na literatura e na ciência da alma: a psicologia, a psiquiatria e a psicanálise.

Livros deixados e publicados **post-mortem**: **Fundamentos Biológicos da Castidade; Biologia; Lexiologia e Sematologia**. Duas conferências: **Evolução e Moral**, proferida aos 24 anos de idade e outra intitulada **Formação Moral e Cívica da Mocidade**, pronunciada para professores em 1941.

Para a Páscoa dos Intelectuais em 1931 e 32, proferiu várias conferências, dentre as quais: **Luz e Treva; A Ciência é Intransigente; A Vida não Morre; Ester diante de Assuero desmente a lei de Newton; O Relicário Vivo; A Onda Aluvial e Sufocante; A Peregrina de Sandália de Bronze; A Química da Eucaristia; O Elo Misterioso; O Segredo da Concha; As Mãos de Vossa Filha; O Fogo que não se Apaga; A Cinemática do Pensamento; A Psicologia do Movimento; O Crânio de Louco^o e a Cabeça do Guilhotinado**”; **Maria, o luar de Maio**.

Outras palestras feitas e discursos.

Inumeráveis os escritos na imprensa católica natalense. Alguns deles de teor científico e filosófico, equiparáveis a verdadeiras teses.

Discorrendo sobre a Matemática, disse: “Não se pode fugir à evidência de que as leis físicas e positivas a que se subordinam todos os fenômenos naturais, são essencialmente expressões matemáticas”. Outro texto: “Tirai o número e o universo deixará de ser obra de uma inteligência criadora”.

Ainda, a Matemática relacionada à Música:

“... A euforia, não é mais do que a expressão do equilíbrio entre as vibrações dos estímulos exteriores e as vibrações dos elementos anatômicos do organismo. Assim sendo, já não parecerá arriscado afirmar-se ser a consonância das vibrações sonoras com as vibrações do fluxo nervoso, a causa material da sensação agradável, que em nós a música desperta.

Destarte, sem premeditações, chegamos a uma conclusão estranha: a Música, a mais suave, a mais apreciada e a mais sentimental de todas as artes, é apreciada, é suave, é sentimental somente por ser tributária da mais árida, da menos preferida e da menos **sentimental** de todas as ciências – a Matemática”.

O grande sábio não aceitava a definição de paralelas do geômetra francês Desargues, a saber: “duas retas que se encontram no infinito, formando um ângulo nulo”. E indagava: Que é ângulo nulo? E complementava: Impossível conceituá-lo, é um mero jogo de palavras”.

E também, por ilógica e absurda repelia a quadratura do círculo e, por concebível mas **ilusória**, a transatura do espaço .

O seu legado científico-literário, pelo conteúdo nele contido, atesta, inequivocamente, a grandeza do seu saber múltiplo, adicionando-se à sua erudição em história, filosofia, religião e outras, por ele acumulada em poucos anos de existência, consagrando o seu nome em dimensão superior.

Tinha em mente escrever um tratado de Psicologia Religiosa. Segundo o seu mais antigo biógrafo, ele teria rasgado um tratado sobre a “Presciência Divina”. Um outro em relação ao “Livre Arbítrio”, e dois outros estudos: “A Cauda do Homem” e a “Psicanálise”.

Inédito, deixou uma obra sobre o Espiritismo - “O Livro das Revisões”. Disse certa vez: *“se eu quiser eu fotografo um espírito!”*

Analisando a civilização tecnológica, asseverou: “... Os fios da urdidura social cresceram e evoluíram de maneira desarmônica e discordante, tanto nos seus elementos mórficos como promórficos, daí, o aspecto teratiforme da sociedade hodierna – uma imensa capacidade somática informada por uma alma embrionária e larval”.

Senhor das ciências e da dialética, o Padre Monte refutava e corrigia, amiúde, filósofos e cientistas. Citaremos apenas, alguns: “Richet emitiu a hipótese de que o volvox é o ancestral de toda série do reino animal. O estado de blástula, por que passam todos os animais pluricelulares, não é mais do que a revivescência da forma volvox ancestral. A hipótese, apesar de engenhosa, não é verdadeira. Basta assinalar que o volvox, segundo o seu modo de nutrição (holofítico) é um vegetal e entre os vegetais não existe o estado de blástula”.

Estudando o determinismo, ele enxerga a contradição operada por Eugênio Verone, em relação ao poder da vontade,

dizendo: "...Verone se deixa prender nas malhas de um dilema: Ou o movimento volicional não é feito sem violência e coação, ou o objeto escolhido não solicita fatalmente o assentimento volicional". E acrescenta, "Ribot, tentando uma conciliação, confunde a noção de **bem** com a noção de **necessidade**". E conclui: "A miragem determinista se desfaz à luz da razão e do bom senso. A liberdade moral não é uma ilusão".

Noutro estudo: "... Em última análise, os biotipologistas ligam o ato delituoso a um desequilíbrio humoral. Seriam os delinqüentes vítimas, apenas, da onipotência tirânica dos hormônios? Dos biotipologistas podemos dizer o que Gabriel Tarde disse em relação a Lombroso: - 'É preciso perdoar-lhe muito como a Madalena, porque muito amou a ciência da investigação'.

E finaliza, o Padre Monte: "É que a vontade pode resistir à onipotência hormônica".

Entendia o Padre Monte como "Errônea a afirmação do socialista alemão Frohme, que o andar erecto condiciona o aumento do crânio, quando a ciência prova que não é o andar erecto que desenvolve e aumenta o cérebro, mas, inversamente, o aumento do cérebro condiciona o andar erecto".

Em Camões enaltecia os gêneros literários, lírico, bucólico, dramático e épico. Admirava em Cervantes a psicologia da sua obra genial, dizendo: "Não há maior romance: desperta e comunica todas as emoções". Frisava o caráter transcendente da obra de Dante. Elegia Goethe e Racine como portentos de suas literaturas pátrias.

Sobre Shakespeare, acentuou; "Nenhuma produção do grande trágico inglês superou, em valor psicológico, a vida de Cordélia – a filha desprezada em cujos braços morre o velho pai..."

Conhecia todo tesouro heleno-romano, penetrando, em sua literatura, as suas fontes subsidiárias e ampliava seus conhecimentos no saber universal.

Tinha o Padre Monte uma alma também poética, pois versejou, louvando a Virgem Maria, e escreveu sobre a arte medieval e a arte da Renascença. Quando noticiaram no jornal a morte do amor, ele rebateu, dizendo: "O amor não morre e não morrerá, jamais. O amor não terá túmulo. Jamais a mão rugosa do tempo lhe escreverá o epitáfio".

E, adiante: "Não foi Beatriz que inspirou a **Divina Comédia**? Não foi Leonora, que nos deu a **Gerusalemme Liberata**? Quem inspirou as telas soberbas de Raphael, e as melodias incomparáveis de Mozart e Beethoven"?

E conclui:

"Não! A arte não matará o amor, porque a arte é a religião do Belo.

E quem não se extasia diante das manifestações inspiradoras da beleza?"

Era assim o Padre Luiz Monte: inteligente, erudito e sensível, possuidor de uma grande alma.

Termino esta palestra com as palavras do Cônego Luiz Wanderley, pronunciadas do púlpito da Matriz da Apresentação, no necrológio do grande sábio:

"...Monte sofreu e morreu praticando a grande lição de sua vida: Equilíbrio absoluto de atitudes, fidelidade perfeita entre o pensamento e a palavra, harmonia total entre a palavra e o exemplo... com aquele admirável bom humor, buscando sempre uma explicação para as fraquezas do próximo, um perdão para suas maldades, dando uma solução exata para

os casos mais difíceis. A sua fé se dilatava na mesma proporção em que, como rêmiges de águia, a sua inteligência subia mais alto na ciência... No seu cérebro de sábio, e na sua alma de padre, a ciência e a fé foram os dois anjos custódios da verdade, da verdade que ninguém, que ninguém em nossa terra, melhor do que ele, mais profundo do que ele, mais desassombrado do que ele, soube ensinar, e soube defender... Na figura genial do grande morto houve o himineu da ciência e da fé... ele era tão fraco e tão forte! Tão pequeno e tão grande! Tão humilde e tão nobre!...”

Natal, 25 de outubro de 2005

BIBLIOGRAFIA

Os textos, a seguir, indicam o material bibliográfico, em parte tirado para justificar o expressado na palestra. São textos contidos na Antologia de Pe. Monte.

CONFERÊNCIAS QUARESMAIS

Domingo próximo, o padre LUIZ MONTE, ilustre orador sacro, iniciará uma série de conferências para homens, na Catedral.

Será um prazer intelectual ouvir o jovem sacerdote de 27 anos, não só pela sua cultura polimorfa, mas também pela correção de linguagem e a própria exposição dos conceitos.

Nos dias 20, 21 e 22, os homens desta cidade poderão ouvir a doutrina católica, em preparação à Grande Semana.

O assunto das conferências é de livre escolha do orador, que promete desenvolver palpitantes temas.

(Pub. no matutino o "Diário de Natal", de 15 de março de 1932)

CONFISSÕES DE HOMENS

Hoje, às 20 horas, na Igreja de Santo Antônio, haverá confissões para homens, estando à disposição dos penitentes os monsenhores Alfredo Pegado, José Landim e João da Matta, Cônego Luiz Adolpho e Padre José Calazans e Luiz Monte.

Nas matrizes do Alecrim, e Bom Jesus, confessarão os padres da Sagrada Família.

(Do "Diário de Natal" de 23 de março de 1932).

A Revista SOM, nº 06, de 12 de outubro de 1937, publica:

Pe. LUIZ MONTE é o polígrafo brilhante que todos nós conhecemos. Raros serão os assuntos ainda não fixados pela sua curiosidade erudita. "SOM" orgulha-se de sempre haver merecido simpatia e aplauso. Hoje inicia seu nome entre seus colaboradores.

O Jornal "O Estudante", de 16 de maio de 1936, divulga:

"O Estudante", órgão Estudantil Potiguar, na edição de hoje, tem a satisfação de comunicar a eleição, por aclamação unânime dos estudantes, do Revmo. Padre LUIZ MONTE, ilustre intelectual, para Presidente de Honra do nosso Centro. Em homenagem, publica a foto do sacerdote que sempre esteve ao lado da Juventude estudiosa da nossa terra, ensinando, com sua vasta cultura multiforme, os caminhos da moral e da ciência.

CENTRO UNIVERSITÁRIO

Sob a presidência do Exmo. Sr. Bispo Diocesano, estiveram, ontem reunidos, no Paço Episcopal, o acadêmico Custódio Toscano, mons. Alfredo Pegado, irmão José Vey e Ewerton Cortez, representando o prof. Ulysses de Góis, faltando com causa justificada outros elementos do nosso meio educativo, para se tratar da fundação de um cento de aspirante ao "Centro Universitário", em Recife. No decurso da reunião, o acadêmico Custódio Toscano relatou em ligeiros tracos o movimento simpático e promissor do "Centro Universitário Católico", demonstrando a sua esperança de ver formado em Natal um núcleo de moços valorosos, aspirantes do "Centro".

Ficou resolvido haver uma reunião no próximo dia 4, domingo, às 14 horas, na sede da "Congregação Mariana", quando se tratará melhormente do assunto.

O Exmo. Sr. Bispo nomeou o Revmo. Padre LUIZ MONTE, para assistente eclesiástico dos aspirantes universitários.

(Publicado no "Diário de Natal", de 1º/10/1931).

REGISTROS

“O Estudante”, órgão do Centro Estudantil Potiguar, de 16 de maio de 1936, publicou:

ESCOLA DE CULTURA

Consoante fora anunciado, realizaram-se a 1^o e 3 do corrente, os exames escritos e oral para admissão à “Escola de Cultura” do Centro Estudantil Potiguar.

Ambas as provas, que estiveram sob a presidência do revmo. Padre Luiz Monte, Presidente de Honra do “Centro”, e do dr. Luiz da Câmara Cascudo, contaram de um programa devidamente organizado e compreendendo entre 15 pontos sobre assuntos de caráter literário, histórico, científico, etc.

Pra a prova escrita que teve lugar num dos salões do Colégio Santo Antônio, foi sorteado o ponto nº 05, literatura do Rio Grande do Norte e suas principais figuras, ponto este que, pela sua complexidade, exigiu sérias reflexões por parte dos concorrentes.

Na prova oral, efetivada na sede social do “Centro”, foram sorteados diversos pontos, um para cada candidato, sendo que todos mereceram aprovação dos examinadores.

Tomaram parte nos exames, como pretendentes à Escola de Cultura os centristas Antônio Soares Filho, Clidenor Galvão, Wilson Regalado Costa, Cícero Figueiredo de Mendonça, Aluizio Alves, Francisco Thaumaturgo Fernandes e Raymundo Nonato Fernandes.

Os diplomas de membros da “Escola de Cultura” foram entregues, no dia 12 do corrente, em sessão solene do Centro Estudantil Potiguar, no teatro “Carlos Gomes”.

A mesa examinadora era constituída pelo pe. Luiz Monte, e drs. Câmara Cascudo e Dioclécio Duarte.

PORQUE SE SENTE A MÚSICA

Pe. Luiz Monte

Quais as condições vibratórias de que se devem revestir as excitações sonoras para que possam dar origem à sensações agradáveis?

A experiência tem demonstrado que a lei fundamental da consonância repousa sobre a quantidade. Os sons, que estão entre si em relação simples, formam acordes consoantes, ou de uma sucessão de sons musicais agrada sempre ao ouvido enquanto é sempre desagradável a que resulta da superposição de sons elementares, dissonantes.

O ponto nevrálgico da questão está em se saber a razão porque os sons consonantes agradam, e os dissonantes motivam sensações desagradáveis. Qualquer hipótese, que se tente formular, parecerá ousada, em vista da impossibilidade de se poder fundamentá-la em bases experimentais. Entretanto, temos que o problema da motivação material, responsável pelas sensações agradáveis na música, encontraria uma solução plausível na teoria do equilíbrio oscilatório do fluxo nervoso. A reação nervosa do nervo acústico em resposta à excitação da onda sonora, modificaria o equilíbrio oscilatório do fluxo nervoso, causa material da sensação.

Quando as vibrações da onda sonora fossem consonantes com as vibrações do fluxo ao longo do arco reflexo, produziriam sensações auditivas agradáveis. Quando, porém, o movimento vibratório dos sons recebidos não estivessem em consonância com as vibrações dos movimentos oscilatório da onda nervosa, daria origem a sensações desagradáveis. O prazer ou o desprazer motivados pelas ondas sonoras resultaria, em última

análise, do fato de serem elas consonantes ou não com as vibrações do fluxo nervoso no arco reflexo. Os sons consonantes modificariam, por influência, as qualidades vibratórias da onda nervosa, condicionadora da sensação. Os sons dissonantes peníveis e desagradáveis.

As ondas sonoras vibrando em consonância ou não com as vibrações da onda nervosa chegariam aos centros auditivos, modificando-lhe o equilíbrio oscilatório.

Os centros nervosos, impressionados pela excitação das vibrações sonoras, agiriam por sua vez sobre o sistema endócrino.

Ora determinando uma baixa do teor hormônico em alguns centros secretores; ora provocando, em outros, uma superatividade humoral, determinariam as manifestações fisiológicas características da alegria, do pesar, da tristeza. Os hormônios postos em liberdade pela resposta nervosa aos estímulos sonoros atuariam como um mordente, que sensibilizasse o sistema nervoso, predispondo-o para novas reações. Daí a possibilidade da educação do ouvido, pela aprendizagem.

- A interferência resultante das vibrações dissonantes, dado o maior ou menor grau de estesia individual, pode tão profundamente modificar o equilíbrio oscilatório do fluxo nervoso, que por vezes provocam verdadeiras indiosincrasias. Exemplificando: há pessoas, que sentem uma reação intolerável, quando ouvem o ruído de uma faca a cortar papelão; a outras, o atrito de uma substância dura sobre uma superfície áspera parece-lhes insuportável; o desgaste dos rebordos de uma lâmina metálica pela fricção de um corpo esmerilhado; em outras, faz desencadear verdadeiras crises de irritação nervosa.

Qualquer fator interno ou externo que venha perturbar as qualidades vibratórias do fluxo nervoso, determina uma como mudança de sentido ou mesmo uma inversão da sensibilidade

auditiva. Assim é que o mesmo trecho musical, que em alguém suscita sentimento de alegria e de prazer, quando em estado de perfeito equilíbrio funcional, provoca-lhe reações passionais opostas, quando em estado de pobreza fisiológica ou de miséria orgânica. É fato de observação corrente, que em momentos de depressão física ou moral uma música alegre concorre para mais agravar o sentimento de pesar e de tristeza. É de presumir-se que a freqüência e a amplitude do fluxo nervoso na espécie humana, conquanto sejam normalmente constantes, assumem, entretanto, em cada indivíduo uma feição característica, dando em resultado modalidades pessoais de reação. Daí as variações de intensidade da reação, que se constata em indivíduos diversos em presença dos mesmos estímulos sonoros.

A hipótese aqui formulada sobre a motivação material das sensações agradáveis na música, inda não recebeu da experiência uma sanção definitiva. Entretanto, as perturbações do equilíbrio oscilatório do organismo estão sendo invocados com razão etiológica de não poucos distúrbios metabólicos. A euforia, para muitos, não é mais do que a expressão do equilíbrio entre as vibrações dos estímulos exteriores e as vibrações dos elementos anatômicos do organismo. Assim sendo, já não parecerá arriscado afirmar-se ser a consonância das vibrações sonoras com as vibrações do fluxo nervoso, a causa material da sensação agradável, que em nós a música desperta.

Dest'arte, sem premeditação, chegamos a uma conclusão estranha: a Música, a mais suave, a mais apreciada e a mais sentimental de todas as artes, é apreciada, é suave, é sentimental somente por ser tributária da mais árida, da menos preferida e da menos sentimental de todas as ciências – a Matemática.

(Revsita SOM, nº 06, de 12-10-1937 – Natal, da coleção do Prof. Gumerindo Saraiva).

MAIO

Pe. Luiz Monte

Bela é a rosa na majestade de sua meiga corola. Bela é a papoula na viveza de suas cores. Belas são as dalias nos seus variados matizes.

Entretanto, nem a rosa, nem a papoula, nem as dalias são perfumadas como os lírios. Notam os naturalistas que as flores alvas têm mais perfumes que as espécies coloridas. Parece mesmo que o perfume está na razão inversa das cores. O lírio é branco, mas tem uma fragância adorável. A orquídea, o prodígio da cor, é inteiramente inodora.

A Igreja no seu simbolismo místico representa a pureza pelo branco e a virtude pelo perfume das flores. É por isso que os santos padres chamam a Virgem Maria de lírio da pureza. O lírio é a mais branca das flores, Maria a mais pura das virgens.

O lírio é a flor mais perfumada; Maria é a mais perfeita das criaturas.

Na ordem sobrenatural, na economia da graça podemos distinguir duas espécies de pureza: uma positiva, outra negativa. Consiste a primeira no complexo mais ou menos perfeito de virtudes que ornaram sua alma; a segunda, porém, está na isenção do conceito negativo de virtude e pecado.

Os santos e os justos em geral, dando-nos exemplos de virtudes heróicas, possuíram a pureza positiva; a negativa, porém, é um privilégio da Virgem. Quem, senão Ela foi isenta de toda culpa?

Num grau supremo, Maria possui realmente o privilégio duma pureza negativa – Deus por um privilégio admirável a preservou de toda culpa.

Por isso é que só em Maria se realizam as palavras do profeta: a lua será semelhante ao sol.

Não é Ela bela como a lua?

Não é Jesus o sol da justiça?

Maria a meiga lua do céu da cristandade é em tudo semelhante a Jesus, o sol divino das almas.

E é pela sua pureza, que mais certa se torna esta semelhança.

Jesus por natureza é a negação absoluta do mal, é Ele o sumo bem, a pureza por essência.

Maria o é, enquanto pode ser uma criatura, por um privilégio divino. Jesus por essência é impecável; Maria pela graça goza também da prerrogativa da impecabilidade.

Jesus comunica aos outros os frutos da sua pureza divina, salvando as almas despertando o arrependimento, curando a lepra do pecado: Maria, em virtude também da sua pureza angélica santifica o Precursor no seio de Isabel.

Os santos padres, aplicando à Virgem o versículo: “pulchra ut luna, electa ut sol”, bela como a lua, e eleita como o sol, assim se expressam; pela sua santidade positiva a Virgem se distinguia do seu filho como a lua se diferencia do sol - pulchra ut luna; mas, por sua pureza negativa, era Ela semelhante a Jesus – electa ut sol.

Grande pureza a de Maria. Admirável santidade e da nossa querida Mãe.

Lírio de pureza, enche nossas almas com a fragância das tuas virtudes, embriagando-as com os eflúvios do seu ardente amor.

SEMANA DOS ESTUDANTES

Pe. Luiz Monte

Esta Semana do Estudante que será realizada em Natal, precisa ser devidamente apreciada.

Temos, no Brasil, Semana da Asa, Semana da Pecuária, Semana da Galinha, Semana da Agricultura, Dia da Natureza, Dia do Automóvel, Dia do Arado. Chegamos a ter, durante a luta de Princesa, a "Quinzena da Bala".

Essa supremacia das coisas da matéria em prejuízo das coisas do Espírito é um índice de decadência que relembra o ocaso do império romano.

Concurso de Beleza, eugenismo, sexualismo são vozes que se ouvem no ar, impregnando todos os ambientes.

As multidões correm atrás do atleta, colocando-lhe louros na frente, enquanto passam indiferentes pelo sábio, pelos homens e pensamento.

É bem conhecido o episódio ocorrido a bordo de um transatlântico, em que viajavam Primo Carnera, campeão de "Box", e o sábio Albert Einstein. Aquele não dava um passo sem que tripulantes e passageiros o seguissem, em singular vassalagem. Ninguém, todavia, cercava o criador da teoria da relatividade, que viajava isolado, no seu canto, incompreendido e desconhecido.

Diante de espetáculos dessa natureza é que se diz, com razão, que estamos no fim de uma época, no ocaso de uma civilização.

Ainda há pouco, morria em Munique, o autor da "Decadência do Ocidente", Oswald Spengler, que apesar dos seus prejuízos filosóficos, afina conosco no contemplar a cena crepuscular do século XX.

Mas, nem tudo está perdido. Não se encerrou, ainda, o conflito entre a Matéria e o Espírito. O choque dessas duas forças ainda é patente no mundo contemporâneo.

Dessa catástrofe que se avizinha, nem tudo se consumirá na voragem. Forças latentes e salvadoras afloram, aqui e ali, como oásis de espiritualidade. Uma geração nova se prepara, em todo mundo, para recolher os destroços do cataclismo, com os quais lançará os alicerces da Idade Nova, com prévia e indispensável seleção do material.

Não é, portanto, sem muita alegria que vemos em Natal o início de uma reação das forças da inteligência contra a avalanche da matéria, representada no endeusamento do automóvel, da máquina, das forças econômicas, da beleza física.

A mocidade das nossas escolas organizou e está realizando a Semana do Estudante, na qual há torneios intelectuais com prêmios distribuídos pela Escola de Cultura, além de outros números.

Desejamos ardentemente que isso seja a repercussão, entre nós, da aurora dos novos tempos.

O movimento precisa ser continuado e gradativamente ampliado a outros planos de espiritualidade, de que também a Páscoa dos Estudantes é um sinal consolador.

A inteligência precisa da Fé para escalar as grandes cumiadas, de onde terá uma visão panorâmica e completa da realidade da vida e do universo.

A supremacia do Espírito que defendemos inclui as faculdades da inteligência, as conquistas do intelecto humano, a ciência, a arte, a poesia; mas, vai além; abarca a metafísica, a teologia, liga a inteligência à **Inteligência**, o homem a Deus.

Seria falso o primado do Espírito que se contentasse com a cultura exclusivamente intelectual.

O intelectualismo é um erro de conseqüências funestas, desde que não cria homens integrais, mas homens de inteligência hipertrofiada, - macrocéfalos mentais, por serem grandes demais as suas cabeças, não olham nem para baixo nem para cima. Não tomam conhecimento das dores do mundo nem das promessas do Céu.

Este não será, estamos certos, o sentido da Cultura e da supremacia do Espírito que empolga a nossa juventude estudiosa.

("A Ordem" – 14/05/1936)

MÓRULA, BLÁSTULA E GÁSTRULA

Pe. Luiz Monte

(...) Todas as formas animais passam sucessivamente por esses três estágios de evolução.

Conhece-se apenas um único ser vivo, que, em estado adulto representa o tipo **blástula**. É o **volvox**. Outras formas não evoluem além da terceira fase, podemos ser considerados mesmo depois de completamente diferenciados, como representantes do tipo **gástrula**. A hidra d'água doce, por exemplo, e outros muitos celenterados.

Richet emitiu a hipótese de que o volvox é ancestral de toda a série do reino animal. O estado de blástula, por que passam todos os animais pluricelulares, não é mais do que a revivescência da forma do volvox ancestral. A hipótese, apesar de engenhosa, não é verdadeira. Basta assimilar que o volvox, segundo seu modo de nutrição (holofítico) é um vegetal, e entre os vegetais não existe o estado de blástula. (...)

A ORIGEM DO MUNDO Número e Fenômeno

Pe. Luiz Monte

Dada a impossibilidade de atualização de uma série infinita, a existência de termos duma série qualquer supõe necessariamente a existência dum termo primário, do qual se derivam os termos conseqüentes. Aplicada ao princípio de causalidade a inatualização duma série infinita, somos forçados a concluir que uma série finita de fenômenos requer a existência dum número, causa que, independendo de qualquer número antecedente, condicione a existência e ativo porque independe de qualquer causa e é responsável por todos os efeitos.

Com efeito, na série A, B, C, D,... N, o termo D depende de C; este de B, que por sua vez depende de A. Se B, C, D... N são números reais e positivos, o termo A não pode ser 0 (zero) ou negativo. A razão é das mais óbvias. Qualquer potência de zero é sempre zero; logo de zero não pode provir uma quantidade real e positiva. Por outro lado, uma quantidade negativa não pode gerar uma positiva, senão se multiplicando por outra quantidade negativa. Ora, se por hipótese, o número primário dependesse de qualquer causa antecedente, e esta fora negativa, seríamos levados fatalmente a admitir a coexistência de uma outra causa negativa: somente de duas quantidades negativas é que pode derivar-se uma positiva. Implicando o conceito de causa primária à idéia de unidade, segue-se que o número primário não pode resultar duma causa negativa. Não resultando, portanto, nem de zero, nem de nenhum número negativo, conclui-

se que a **causa primária resulta de si mesma é essencialmente existente**. Admitida a existência duma série de fenômenos, forçoso é admitir-se igualmente a potência criadora da causa primária.

É o que veremos no próximo número.

(Pub. no "Correio Paroquial", de Caicó, sob o pseudônimo "MENALCAS", em 1º de junho de 1935, da coleção particular do Prof. Manoel Rodrigues de Melo)

ILUSÃO DA LIBERDADE

Pe. Luiz Monte

Eugênio Verone confessa, sem constrangimento, que o movimento volicional, na pesada dos motivos, se produz “em condições de calma e reflexão, que afastam toda idéia de violência e de submissão”.

Não obstante, insiste na afirmação de que a liberdade é apenas aparente; pois a vontade se limita, apenas, em escolher o motivo “mais conforme às necessidades do indivíduo”. Conceito que envolve uma lamentável contradição.

Se o movimento volicional na escolha dos motivos exclui toda violência e submissão, como conceber-se seja a vontade arrastada necessariamente para o motivo mais preponderante?

Eugênio Verone se deixa prender nas malhas de um dilema: ou o movimento volicional não é feito sem violência e coação; ou o objeto escolhido não solicita fatalmente o assentimento volicional.

Ribot, tentando uma conciliação: livre na escolha dos motivos é a vontade fatalmente levada para o motivo mais forte, porque o ente tende para o que lhe causa maior prazer e menor mal.

Ribot confunde a noção de **bem** com a noção de **necessidade**.

Quando o ato volicional adere ao objeto como a um bem maior ou a um mal menor, depois da livre escolha dos motivos, o objeto solicita vontade não enquanto é necessário, mas enquanto é **bom**. E nisso não há determinismo. Ferri, e como ele não poucos deterministas, afirmam candidamente: não obstante serem as ações humanas efeitos necessários

resultantes da influência do meio e da constituição pessoal, em nós é manifesta a existência de uma capacidade de reação, que pode mudar o curso dos motivos determinantes. Obstina-se, porém, em negar a liberdade moral.

Toda reação, efetivamente, supõe um princípio de ação; é efeito consecutivo de uma causa antecedente.

Ora, quando a reação volitiva é eficiente, como sói não raro acontecer, somos forçados à conclusão de que às causas determinantes e necessárias elaboradoras do moral da nossa conduta, foi preferido um motivo cuja escolha dependeu exclusivamente da nossa vontade.

A faculdade volitiva atuou como um princípio de ação, variando o curso dos motivos determinantes.

Onde, pois, **a necessidade**, das causas determinantes?

Se fossem realmente necessárias, nenhuma causa relativa se lhes poderia opor.

Visando evitar a força probativa do argumento, os deterministas apresaram-se em afirmar não ser a escolha dos motivos a manifestação de uma vontade livre; mas, tão somente, a resultante da organização físico-fisiológica do indivíduo. Além da inconsistência flagrante da afirmação, laboram os deterministas em uma lamentável **petição de princípio**.

Efetivamente. Quais as causas necessárias, que determinam o assentimento volicional, após a consideração dos motivos preponderantes? Idêntica é a resposta a constituição biotipológica do indivíduo. O vício dialético é manifesto.

Como explicar que o meu bionto me obrigue a atos necessários e ao mesmo tempo e no mesmo ato me confira capacidade de eleição? Como conciliar seja eu necessariamente **obrigado** e necessariamente livre, na escolha? Se me negarem a necessidade ato, já não há lugar para o determinismo, e me privarem da necessidade na escolha, concludo em favor da liberdade moral.

Demais, em identidade de condições, a mesma causa produz sempre os mesmos efeitos.

Subordinando-se a adesão da vontade ao tipo constitucional, ficaria sem explicação o fato de agirem contrariamente dois indivíduos portadores do mesmo bionto, e postos em identidade de condições ambientais. Poderiam objetar ser praticamente nula a possibilidade de se encontrarem em **idênticas** condições de ambiente de duas pessoas biotipologicamente, **idênticas**. Conceitos. Entretanto, essa falta de identidade absoluta não explicaria os efeitos contrários; poderia explicar os efeitos atenuados, tão-só.

Os recursos lógicos, de que lançam mão os deterministas no sentido de uma conciliação entre a capacidade de reação e a necessidade do ato, são de consistência precária, diante da rapidez dos argumentos, que da análise comparativa e do testemunho de consciência receberam plena confirmação.

A miragem determinista se desfaz à luz da razão e do bom senso.

A liberdade moral não é uma ilusão.

(Pub. no jornal "A Ordem", de 6/10/1935.)

PITÁGORAS E SANTO AGOSTINHO

Pe. Luiz Monte

O fato de haver fundamentado em bases matemáticas um rígido sistema moral-filosófico, conquistou para Pitágoras, o grande reformador e moralista, uma posição singular sem antecedentes na história da filosofia. A ciência dos números tinha para ele a credibilidade de oráculo, se lhe afigurava a chave suprema a que se subordinaram os árduos problemas, que tanto preocupavam o espírito humano. O número é o princípio de todas as relações, e às mesmas leis numéricas se sujeitam todos os fenômenos naturais. A razão última dos fenômenos naturais. A razão última dos fenômenos reside em combinações geométricas, sob a influência dos números. Os cinco poliedros regulares: tetraedro, hexaedro, octaedro, dodecaedro, icosaedro são expressões estereotípicas dos elementos constituem a base algarítmica de toda a lei moral. A tetractis é a equação a que, em última análise, se reduzem todos os problemas materiais, psicológicos e morais. Resulta da soma da mônada, da díada, da tríada e da tétrada: $1 + 2 + 3 + 4 = 10$, a década, o número perfeitíssimo. Pitágoras exerceu uma influência tirânica, a que nenhuma escola filosófica pagã logrou, de todo, se libertar. O campo magnético dos números pitagóricos envolveu não raro luminosas expressões da filosofia cristã. Santo Agostinho era um apaixonado dos números. Para a Águia de Hipona o bem é a unidade;... o mal, a variedade. Voltar-se ao bem é tender para unidade. A unidade pura é Deus; elevada a qualquer potência, a unidade é sempre unidade – imutável, simples e perfeita. A unidade incriada, por ser indivisível é eterna. Nos fenômenos naturais a noção da unidade é apenas aproximativa e análoga; porque a matéria, essencialmente

divisível, é radicalmente múltipla. Na alma humana a analogia toma-se mais perfeita: destituída de partes integrantes, é simples por essência e natureza.

Analogicamente a unidade é o bem; a ausência da unidade o mal. A mônade, portanto, simboliza a perfeição, a moral, a virtude e a paz. A díade, a maldade, o vício e a discórdia. Onde, os múltiplos de 2 (dois) expressam o que é passível, o que é divisível, transitório e terreno. Em suma: a unidade é Deus; a díade, o nada.

A unidade agindo sobre o díade, isto é, o absoluto agindo sobre o nada, dá origem a tríade: o ser criado.

Como em Pitágoras, a década é a perfeição, a lei moral. Dez são os mandamentos. O onze implica a desordem moral, porque excede os limites de dez, a lei. Razão porque, na Escritura, jamais se encontra o dez multiplicado por onze. Encontra-se, entretanto multiplicado por sete, que simboliza o homem. Daí, sete são os sacramentos, porque sacramenta propter homines. Os peixes da pesca milagrosa foram 153 porque, afirma ele, 10 são os mandamentos e 7 são os sacramentos e os dons do Espírito Santo. Ambos os números igualam a 17. E, adicionando-se sucessivamente os números de 1 a 17 o resultado será 153.

Conhecesse Sto. Agostinho a teoria das progressões, teria chegado a idêntico resultado sem os incômodos de tão repetidas parcelas.

O quarenta simboliza a vida terrena, por ser o produto de 4 por 10; quatro é o quadrado de dois, o número passível, divisível e transitório; dez, a lei moral. A vida é transitória, cheia de dores e de lágrimas, e só a religião dá um sentido à dor e ao sofrimento. Motivo porque 40 foram os dias de jejum de Cristo, de Elias e de Moisés – O Evangelho, os Profetas e a Lei antiga; quarenta os anos que os israelitas passaram no deserto, quarenta os séculos que precederam a vinda do Messias.

Longe iríamos, se quiséssemos multiplicar os exemplos em que a Águia de Hipona revela acentuada tendência para os artifícios pitagórico. Não que atribuisse ao número a força oculta e o quimérico poder de reger o universo. Não pode, contudo, fugir à evidência de que as leis físicas e positivas a que se subordinam todos os fenômenos naturais, são essencialmente expressões matemáticas.

Tirai o número e o universo deixará de ser obra de uma inteligência criadora.

Pub. na revista "O Atheneu", órgão da Academia de Letras Norte-Rio-Grandense, mês de agosto de 1936, Ano I, número 1, da coleção do Prof. Manoel Rodrigues de Melo.